

©Copyright, 2006. Todos os direitos são reservados. Será permitida a reprodução integral ou parcial dos artigos, ocasião em que deverá ser observada a obrigatoriedade de indicação da propriedade dos seus direitos autorais pela INTERFACEHS, com a citação completa da fonte. Em caso de dúvidas, consulte a secretaria: interfacehs@interfacehs.com.br

SAÚDE, AMBIENTE E SUSTENTABILIDADE
CARLOS MACHADO DE FREITAS E MARCELO FIRPO PORTO

Rio de Janeiro: Ed. Fiocruz, 2006. 120p.

Alice Itani¹; Eider Nunes Moreira¹

¹ Centro Universitário Senac, Mestrado em Gestão Integrada em Saúde do Trabalho e Meio Ambiente.

² Médico do trabalho.

O livro *Saúde, ambiente e sustentabilidade*, recentemente publicado por Carlos Machado de Freitas e Marcelo Firpo Porto, vem nos trazer mais uma importante contribuição desses autores para o debate que vimos realizando sobre uma temática com a qual trabalhamos e que nos interessa de perto: 'saúde e ambiente'. É também uma contribuição para o debate em geral, com uma linguagem acessível, que possibilita a um público mais amplo compreender questões que afetam diretamente as populações.

Nesse texto de 120 páginas, que faz parte da coleção 'Temas em Saúde', os autores partem da discussão sobre 'saúde e meio ambiente' e passam pela história dessa relação, para discorrer sobre os desafios da sustentabilidade ambiental e da saúde segundo o atual modelo de desenvolvimento. O texto aborda, em seus cinco capítulos, pontos importantes da necessária busca de sustentabilidade por meio da superação do modelo de desenvolvimento atual, montado sobre instituições e sobre paradigmas das ciências. Essa superação virá, sem dúvida, pela adoção de um outro modelo, que atue na promoção da saúde absorvendo dimensões éticas e culturais da vida em sociedade.

O livro apresenta a compreensão da contaminação ambiental pela análise da história do território, de suas populações e culturas, dos investimentos produtivos realizados. Centrado na realidade brasileira, apresenta dados que demonstram a queda da mortalidade infantil no século XX. Mas os autores destacam que esse progresso vem acompanhado de um processo de degradação ambiental que afeta o bem-estar das populações, pelo desmatamento, pelas queimadas, pelo esgoto a céu aberto e pela contaminação, por exemplo, das águas de rios e baías.

Os autores elegem a justiça ambiental como uma nova ferramenta para contabilizar o débito ecológico e social que se apresenta no cenário brasileiro. Chamam, assim, a atenção do leitor para que reflita sobre a ação em questões de saúde e meio ambiente de forma integrada. Ampliam-se as noções atuais de saúde e dos ecossistemas, tendo por referência a saúde das populações. Focaliza-se o acesso aos recursos necessários para uma vida plena, para boas relações sociais e de trabalho, em ambientes saudáveis, de modo que todos possam desfrutar das diversas formas de expressão – culturais, religiosas e estéticas.

O projeto de sustentabilidade defendido pelos autores implica o envolvimento de atores dos diferentes campos da saúde, tanto governamentais como não governamentais, tanto cientistas como leigos. Para desenvolver a saúde como signo de bem-estar é preciso ampliar e fortalecer as bases de conhecimento e das políticas públicas. Isso está relacionado a uma mudança do modelo de desenvolvimento atual baseado no

crescimento econômico, em busca de um mundo ambientalmente sustentável e socialmente justo entre países e regiões, que, por consequência, proporcione vida em plenitude.

Os autores indicam, no final do texto, sugestões de leitura para os que desejam aprofundar seus conhecimentos sobre o tema. Por todos os motivos aqui reunidos, indicamos a obra para uma reflexão inicial sobre os problemas brasileiros nessa área.